



## Apresentação

O presente número especial da Revista Cadernos de Gênero e Diversidade apresenta pesquisas de arte e gênero, dentro de uma perspectiva inter e transdisciplinar. A ideia da publicação surgiu através do Seminário *(Des)Configurações e Subjetivações em Artes*, do Laboratório de Arte e Subjetividades, ocorrido em setembro de 2016 na Universidade Federal de Santa Maria.

Os artigos são produzidos nos interstícios entre arte, estudos de gênero e estudos *queer*, problematizando as identidades e possibilitando outras formas de pesquisa em artes visuais, em diálogo com outras áreas do conhecimento. Aproveitando o caráter aberto e interdisciplinar da revista, os artigos propostos exploram relações da arte com teorias advindas das artes cênicas e da literatura, mas também da filosofia, da sociologia e da antropologia, entre outras. O número especial discute os tensionamentos que se produzem entre identidades individuais e identidades coletivas, que se mostram cada vez mais presentes nas produções artísticas contemporâneas. Artistas se inserem em seu trabalho. As fronteiras entre artista e modelo são continuamente borradas, assim como as fronteiras entre os binarismos presentes na heteronormatividade. Paradigmas são revistos: a autonomia de si mostra-se como uma das grandes apostas na contemporaneidade, estando em contraste com as imposições científicas e sociais. Os textos abordam desde a produção de artistas visuais, fotógrafas e fotógrafos, à constituição de exposições e programas de televisão e às artes da cena.

Neste número, apresentamos sete artigos que dialogam entre si, propondo conexões e reflexões teóricas. As dissidências sexuais e de gênero, a partir dos processos de subjetivação, são significativas na produção da arte contemporânea.

O primeiro artigo, de Jacks Ricardo Selistre, problematiza as concepções identitárias na contemporaneidade, compreendendo a mutação e a transformação como uma constante em nossas culturas e sociedades. Para problematizar as identidades, utiliza-se das teorias *queer* e de ideias dos movimentos sociais que vieram à tona nos anos 1980, bem como analisa a importância dessas teorias para a autonomia subjetiva da criação artística, focando nas obras de Samuel Fosso e Federico Jorge Klemm.

A acadêmica Letícia Honório aborda a possibilidade de corpo feminino ser fonte de um discurso político nas artes visuais. Dessa



maneira, reconhece a importância dos feminismos que emanciparam e desconstruíram a representação da mulher dentro da sociedade heteronormativa. Seu escrito questiona a identidade feminina, analisando obras de Jenny Saville, Hanna Hoch e Hanna Wilke.

Discutir masculinidades na arte contemporânea é tarefa de William da Silva, que discorre acerca da apresentação da nudez masculina. O autor explora a homoeroticidade como uma categoria *queer* e tece questionamentos em torno da produção de masculinidades na arte. Ao explorar as subjetividades, William da Silva preocupa-se em investigar e interpretar obras de Alfredo Nicolaiewisky e Alexandre Copês.

Vivian Castro explora as subjetividades dissidentes no texto intitulado *Nan Goldin: Da Fotografia Do Cotidiano À Visibilidade Drag Queen*. Expõe a importância da temática de gênero, uma questão central no contexto contemporâneo. A intenção é demonstrar o papel que essa produção visual teve em trazer à tona a problemática de gênero e de corporalidades, a fim de discutir sexualidades dissidentes através das fotografias de Nan Goldin.

Ao abordar as violências de gênero no romance *A Confissão da Leoa*, de Mia Couto, Joseana Strigini da Rosa analisa as vozes das personagens. Em meio à sociedade patriarcal, a autora nota que as vozes das personagens se pretendem femininas. Através dos diálogos, é possível perceber a forma como o mundo é criado e apresentado ao público. As vozes femininas do texto apresentam contextos moçambicanos, violências e silenciamentos, que são desvelados em uma ficção e também vistos em uma sociedade, abrangendo assim a relação entre literatura e realidade.

Analisar como as tradições culturais atuam na construção do sujeito feminino é também o ponto central do texto de Mariana Henriques e Flavi Ferreira Lisboa Filho. Através dos programas “Bah! Um programa muito gaúcho”, “Bah! Eu Sou do Sul” e “Bah! Um fandango muito especial” exibidos no ano de 2015 pela RBS, os autores propõem compreender como a identidade feminina é estereotipada, operando de maneira a produzir gênero. Ainda percebe-se a manutenção do sistema heteronormativo, distorcendo a noção de empoderamento feminino que é utilizada como artimanha para elevar a audiência.

Marisa Naspolini e Miriam Pillar Grossi apresentam o texto *Corpo, Gênero e Performance: uma experiência de alteridade a partir*



*da escola*. As autoras exploram as interfaces entre corpo, memória, autobiografia e gênero, que são trabalhadas através do campo das artes da cena, visando aprofundar e ampliar a concepção de alteridade no contexto escolar. Através de oficinas de teatro, conceitos como gênero, sexualidade e violências são questionados e desconstruídos. Assim, possibilidades de existência plurais tornam-se visíveis em meio aos estudantes.

Por último, o artigo de Rosa Maria Blanca problematiza as dimensões *queer* de exposições específicas de artes visuais, através da sua genealogia, em um contexto mundial e brasileiro. Pontua as noções que são trabalhadas na organização e curadoria de mostras pioneiras e recentes, visualizando os contextos estéticos, culturais e políticos atuais.

A reunião dos artigos neste número da Revista *Cadernos de Gênero e Diversidade* discute amplamente vertentes artísticas e (des)identitárias. Nota-se um interesse em desconstruir realidades consideradas naturais, de maneira artística, simbólica e conceitual. Propõe-se a produção de subjetivações estéticas em meio às imposições diárias. A autonomia artística de si e coletiva é fortalecida através de produções que possibilitam outras visualidades e afetos. Em meio ao cenário em que vivemos, com o avanço dos conservadorismos, fundamentalismos e fascismos, a nível nacional e global, torna-se importante discutir teorias que visam à liberdade de expressão dos sujeitos. A arte não se distancia da filosofia e as propostas artísticas mediadas pelos estudos de gênero e *queer*-feministas atuam pelas margens, através das leituras subjetivas e perigosas.

Agradecemos a Felipe Bruno Martins Fernandes a sua sensibilidade por abrir o espaço para a construção do número especial, bem como às autoras e autores que colaboraram com seus escritos. É gratificante perceber o diálogo que se produz entre a arte, os estudos de gênero e as sexualidades. Muitas vezes esses estudos se tornam presentes nas produções da arte contemporânea, que constantemente dilui os limites entre vida e arte.

Jacks Ricardo SELISTRE

Rosa María BLANCA